



YUAN ZHENG/EPA

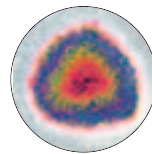
**V**estidos com batas, luvas, máscaras de partículas e óculos de proteção, os técnicos do INEM foram os primeiros a ter contacto com o primeiro doente suspeito de estar infetado com o coronavírus. “Quando chegaram ao hospital, entraram diretamente pela porta exterior que dá acesso ao serviço e para um quarto de isolamento”, explica à **SÁBADO**, o diretor do serviço de Doenças Infecciosas do Hospital Curry Cabral, Fernando Maltez.

Fechado num quarto de pressão negativa – onde o ar interior não escapa para o exterior, evitando a contaminação –, o doente foi sujeito a uma recolha de amostra de líquido da nasofaringe, no interior do nariz. Esta amostra foi depois colocada dentro de três contentores diferentes à prova de água, acolchoados e revestidos com material amortecedor e absorvente que reduz ao mínimo a hipótese de quebra ou derrame. E, em seguida, transportada para o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge para ser analisada. “Demorou cinco horas e o doente permaneceu calmo.”

Foi assim o primeiro pico de adrenalina sentido pela equipa de prevenção do serviço de Doenças Infecciosas do Hospital Curry Cabral, em Lisboa, quando no dia 25 de janeiro receberam o primeiro caso suspeito da nova epidemia de coronavírus. O doente, um homem que tinha chegado nesse mesmo dia a Lisboa vindo de Wuhan, a cidade chinesa onde foi detetada a doença que já matou mais de 100 pessoas, telefonou de casa para a Linha Saúde 24 (808 24 24 24) quando teve sintomas de gripe.

De imediato, os enfermeiros do

📍 **O epicentro do surto aconteceu em Wuhan, na província de Hubei. Já morreram 81 na China**



### Contágio

Estima-se que uma pessoa infetada com o novo coronavírus contamine uma a duas pessoas

**“DESDE A SEMANA PASSADA, TREINAMOS TODOS OS DIAS O VESTIR E DESPIR DO EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO”**

centro de atendimento do Serviço Nacional de Saúde contactaram a Linha de Apoio Médico, uma equipa de especialistas na Direção-Geral de Saúde (DGS), que avalia os casos suspeitos e que indica se estes devem ou não ser encaminhados para os três hospitais de referência: o Hospital Curry Cabral, o hospital pediátrico D. Estefânia, (ambos em Lisboa) e o Centro Hospitalar de São João, no Porto.

A presença do doente na cidade chinesa, que entretanto foi isolada em quarentena na semana passada, foi a informação que ativou o alarme e fez a DGS validar o caso. A grande maioria dos 40 casos detetados fora da China é de pessoas que estiveram na cidade-epicentro do surto, na província de Hubei. Mas, entretanto, pelo menos duas pessoas – uma no Vietname e outra na Alemanha – foram contaminadas sem terem passado pela região. “Se estes casos não forem travados, a probabilidade de atingir mais pessoas aumenta”, explica o diretor da unidade de Microbiologia Médica do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Celso Cunha. “Mas penso não existir caso para alarme.”

### Pais e filhos separados

As equipas nos hospitais de referência estão alerta. “Desde a semana passada, treinamos todos os dias o vestir e despir do equipamento de proteção, confirmamos os circuitos de comunicação, como sai a amostra”, enumera a responsável pela Unidade de Infeciologia do Hospital D. Estefânia, Maria João Brito. “Da secretária da unidade até às senhoras da limpeza, todos têm de saber exatamente o que devem fazer.”

# QUE VEM DA CHINA

erão casos suspeitos de infeção com o novo coronavírus. Por **Susana Lúcio**